

SOBRE A PREGUIÇA¹

Maria da Penha Zabani Lanzoni²

Segundo o Dicionário Aurélio³, vem do latim *prigitia* e seu primeiro sentido é aversão ao trabalho. Há outros sentidos: negligência, indolência, mandrilice. E também: morosidade, lentidão, pachorra, moleza.

Embora seja um substantivo feminino, preguiça qualifica um bicho, conhecido como bicho-preguiça, que eu saiba o único animal que não tem seu próprio nome, como cachorro, leão, pato, por exemplo, mas para designá-lo usamos “bicho” e uma qualificação pejorativa, quase um xingamento: “bicho-preguiça”.

Em 2002/2003, a *New York Public Library* e a *Oxford University Press* convidaram sete escritores, acadêmicos e críticos renomados, para que oferecessem, cada um, uma “meditação sobre a tentação”, sob a forma de palestras, de um dos Sete Pecados Capitais que, posteriormente, tornar-se-iam um livro publicado conjuntamente. “Preguiça” coube a Wendy Wasserstein, dramaturga e escritora que vive em Nova York.⁴

Notem: apenas comecei e, em apenas três parágrafos, somos convidados a pensar na preguiça como algo a ser proscrito. A preguiça, não importa como a abordemos, está condenada a ser uma entre as tantas características humanas menos nobres, uma fraqueza. Aversão ao trabalho, bicho-preguiça, tentação e outros tantos termos que descrevem algo “feio” no ser humano, algo que nenhum de nós quer ter, preguiça, ou ser, preguiçoso.

Os conceitos incorporados no que se conhece, hoje, como os sete pecados capitais trata de uma classificação de condições humanas conhecidas como vícios, que é muito antiga e precede ao surgimento do cristianismo, mas que foi usada mais tarde pelo catolicismo com o intuito de controlar, educar, e proteger os seguidores, de forma a compreenderem e a controlarem os instintos básicos do ser humano. O que foi visto como problema de saúde pelos antigos gregos, por exemplo, a depressão (*melancholia*, ou *tristitia*), foi transformado em pecado pelos grandes pensadores da

¹ Trabalho apresentado no evento “Diálogos Psicanalíticos: Os Sete Pecados Capitais”, promovido pelo GEPMG (Grupo de Estudos Psicanalíticos de Minas Gerais) em 26 de junho de 2010 em Belo Horizonte, MG.

² Membro Efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo; Membro Efetivo e Analista Didata da Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro; Membro Efetivo e Analista Didata do Grupo de Estudos Psicanalíticos de Minas Gerais e delegada da FEBRAPS; Membro Fundador e da atual Diretoria do CETEC (Centro de Estudos da Teoria dos Campos).

³ FERREIRA, A. B. de H. 1986. Novo Dicionário da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro/RJ: Ed. Nova Fronteira.

⁴ WASSERSTEIN, W. 2005. Preguiça. São Paulo: Ed. Arx.

Igreja Católica. Melancolia, que fazia parte da lista dos pecados capitais, foi excluída e substituída, por preguiça.

Assim, a Igreja Católica classificou e selecionou os pecados em dois tipos: os pecados que são perdoáveis sem a necessidade do sacramento da confissão, veniais; e os pecados capitais, merecedores de condenação.

Vejamos essa questão por um outro ângulo.

Se pudéssemos dividir a concepção de loucura em apenas duas, teríamos: de um lado “os que concebem o louco como doente, a loucura como degenerescência do ser humano e, portanto, como ausência de lucidez (ou de conhecimento)”, e do outro, os que pensam que a loucura é uma forma de conhecimento da verdade e o louco aquele que sabe ‘olhar o mundo com os olhos da realidade’”.⁵ A isto voltarei adiante.

Segundo Foucault, a loucura emerge da relação com uma razão que necessita dela (loucura) para existir como razão. Não seria forçar demais pensarmos que também o trabalho precisa da preguiça para existir, para justificar sua existência.⁶

E o que tem isso a ver com a preguiça?

É que já houve um tempo, não tão distante assim em termos históricos, no qual aquele que não trabalhasse era excluído do convívio social, assim como os loucos, e eram, inclusive, equiparados a eles, sendo internados em uma espécie de asilo, junto com eles.

“A instituição do internamento surge de uma inquietação com a pobreza, sendo a loucura percebida no campo formado pela própria miséria, pela incapacidade para o trabalho e pela impossibilidade de integrar-se no grupo. A partir do século XVII, a loucura estará indissolúvelmente ligada a uma má vontade, a um erro ético”⁷.

De fato, não é tão incomum assim, ainda nos nossos dias, que aqueles que têm algum tipo de doença mental sejam tidos pela família, por exemplo, como preguiçosos ou vagabundos, sem vergonha e sem vontade (de trabalhar, diga-se), jamais serão vistos como doentes.⁸

“Para o pensamento moderno no século XVII, é a preguiça que ocupa o primeiro posto na hierarquia dos vícios. Ela é o pecado supremo, a pior de todas as revoltas. O ocioso é aquele que desafia o Senhor. Ele espera uma generosidade da natureza e uma bondade divina à qual o homem não tem mais direito depois de Adão < ... > O trabalho é, portanto, moralmente obrigatório.

⁵ FRAYZE-Pereira, J. A. 2009. O que é loucura. São Paulo/SP: Ed. Brasiliense 10ª edição, 3ª reimpressão.

⁶ FOUCAULT, M. 1978. História da Loucura. São Paulo/SP: Ed. Perspectiva

⁷ FRAYZE-Pereira, J. A. 2009. O que é loucura. São Paulo/SP: Ed. Brasiliense, 10ª edição, 3ª reimpressão.

⁸ Ainda que devêssemos distinguir loucura de patologia, para fins deste trabalho os dois termos são equivalentes.

Recusá-lo é revoltar-se contra Deus. Ora, quando se cria o Hospital Geral⁹, o que se pretende é suprimir a mendicância, isto é, a ociosidade, como fonte de desordem”¹⁰.

Ariano Suassuna, num texto explicativo à sua peça “A Farsa da Boa Preguiça”¹¹ (peça que estreou em 1961 no Recife e desencadeou muitos protestos”- principalmente de certos setores do pensamento, os marxistas, particularmente - aos quais, naquela época ele não deu explicações, pois “não costumo dar explicações aos poderosos”), escreve: “Nela [na peça] não defendo indiscriminadamente a preguiça”.

O que ele quis fazer foi, em primeiro lugar, o elogio do ócio criador do poeta. Em segundo lugar, apontar para a diferença na relação com o trabalho, entre os povos nórdicos, “a raça com mais vocação para burro de carga que conheço” e “nós, povos castanhos do mundo, [que] sabemos, ao contrário, que o único verdadeiro objetivo do Trabalho é a Preguiça que ele proporciona depois, e na qual podemos nos entregar à alegria do único trabalho verdadeiramente digno, o trabalho criador, livre e gratuito. Os Poetas e os Artistas têm a sorte de poder unir o trabalho escravo e o trabalho criador numa só atividade, e era isso que eu tentava mostrar também na Farsa da Boa Preguiça, através do personagem Joaquim Simão, o Poeta preguiçoso, um problema que não é só brasileiro, mas humano”.

Apesar de, como psicanalistas, nos interessarmos e dialogarmos com outras áreas do saber, nosso foco aqui, hoje, não é a moral, ou a religião, ou a política ou a medicina. A Literatura sim, até porque ela é, para nós, o que a matemática é para a física, seu análogo. E vimos autores como Mário de Andrade e Ariano Suassuna captarem o íntimo de seus personagens trazendo-nos vivamente suas vivências.

E no que a Psicanálise pode contribuir para compreendermos um pouco mais sobre a preguiça?

Vou trazer para a nossa reflexão alguns pontos da Teoria dos Campos, como é conhecido o pensamento de Fabio Herrmann, que tenta fazer uma interpretação da Psicanálise, recuperar o Método Psicanalítico perdido entre tantas teorias psicanalíticas.

Em primeiro lugar, na Teoria dos Campos o inconsciente é plural, inconscientes. Isto quer dizer que, na impossibilidade de entrarmos em contato com a totalidade do inconsciente o que, no

⁹ Segundo Frayze-Pereira, no livro já citado, “em 1656 funda-se, em Paris, o Hospital Geral, isto é, uma instituição que engloba diversos estabelecimentos sob uma administração única e destinada a recolher todos os pobres da cidade. É exatamente o que dissemos, os pobres, não os doentes. Ou seja, apesar do nome, o Hospital Geral não tem nenhum caráter médico. <...> O Hospital Geral é um poder estabelecido pelo rei entre a polícia e a justiça. É uma estrutura de ordem monárquica e burguesa (acatada pela igreja). <...>. Muitos são antigos leprosários.

¹⁰ FRAYZE-PEREIRA, J. A. 2009. O que é loucura. São Paulo/SP: Ed. Brasiliense, 10ª edição, 3ª reimpressão.

¹¹ SUASSUNA, A. 1964. A Farsa da Boa Preguiça. Rio de Janeiro/RJ: Ed. José Olympio.

limite, levaria à ficção do inconsciente freudiano, Fabio Herrmann propõe o termo inconsciente relativo. O inconsciente relativo é o inconsciente possível de ser apreendido numa determinada relação, por exemplo, a relação transferencial, mas não apenas esta. Toda relação pressupõe um campo a determiná-la, isto é, supõe regras que a sustentam, regras que lhes dão as feições. Não são regras conhecidas, tampouco ocultas. São regras que só se darão a conhecer quando se tiver rompido o campo que a determina, pelo efeito do método psicanalítico, isto é, pela interpretação psicanalítica. Assim, por inconsciente devemos entender o avesso daquilo que está expresso, não o contrário, nem o mais verdadeiro, mas simplesmente o avesso, a trama que dá visibilidade ao direito, como num bordado.

Em segundo lugar, devo esclarecer que o conceito de representação tal como postulado por Fabio Herrmann não se restringe apenas ao representante psíquico dos instintos, como propôs Freud¹² e a Psicanálise a utiliza até hoje, nem como uma representação original, da qual nossos produtos mentais efetivos são uma espécie de segunda versão, mais verdadeira¹³. Para Herrmann, a representação, ou a superfície representacional, tem uma função defensiva da identidade, ela tem duas faces, a sua face externa representa o real, e a ela se dá o nome de realidade; e a face interna representa o desejo e a ela chamamos identidade.

Explico:

Fabio Herrmann, em 1987, apresenta o trabalho “*O Escudo de Aquiles*”¹⁴ em Congresso da IPA, em Montreal, que seria, posteriormente, publicado em livro. Nesse texto, acompanhamos uma reflexão rigorosa e preciosa sobre a realidade e a identidade, sobre o real e o desejo. Para levar adiante sua reflexão, Herrmann utiliza, como modelo, o escudo de Aquiles, aquele da “*Ilíada*”, de Homero. Esse escudo tem uma parte convexa, onde aparecem inscrições da realidade de todo tipo – cidades em paz e em guerra, rebanhos e campos, entre o céu e o oceano, entre os deuses e as feras – e uma parte côncava, voltada para dentro, para o corpo do herói. A superfície representacional tem uma função defensiva da identidade, como dito acima, como no escudo de Aquiles e, como no escudo, tem duas faces, a sua face externa **representa** o real, e a ela se dá o nome de realidade, a face interna **representa** o desejo e a ela chamamos identidade.

¹² FREUD, S. 1915. Os Instintos e suas Vicissitudes. In: *ESB das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago Ed., v. XIV, pp. 129-162.

¹³ LANZONI, M. P. Z. 2003. As várias vozes do jogo e seus ecos. In: *Jogando com a Vida*. Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica pelo Núcleo de Psicanálise do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

¹⁴ HERRMANN, F. 1992. O Escudo de Aquiles: Sobre a Função Defensiva da Representação. In: *O Divã a Passeio: à Procura da Psicanálise Onde Não Parece Estar*. São Paulo/SP: Ed. Brasiliense, Segunda Parte: A Teoria, pp. 167-205.

Uma transcrição do seu texto nos ajudará a compreender a formação da psique, tendo como modelo esse escudo:

“Do real nascem o mundo e seu homem. O real em Psicanálise não vem a ser o mesmo que a materialidade das coisas. (...) Nosso é o real humano, isto é, o estrato produtor de sentidos — em princípio perfeitamente desconhecido. Todavia com cada homem concreto, com cada ato cultural, é como se o real se dobrasse sobre si mesmo — como uma folha de papel de que se dobrasse um canto, pequena dobra que é você, eu ou Aquiles — pondo-se em posição de contemplar-se: o real defronta-se consigo próprio por intermédio da consciência humana. À ponta dobrada, costumamos chamar de interioridade. (...) a parte dobrada, sendo sempre parte do próprio real, tem como característica principal, produzir segundo regras muito particulares, que distinguem um sujeito do outro, que distinguem singularidades (...) O conjunto dessas regras determina a maneira exata e inimitável pela qual a parte sequestrada pela dobradura do real, o desejo, apetece seu real de origem. O desejo é um real diferenciado, interior, singular, que apenas existe na medida em que se dirige ao todo de que faz parte”¹⁵. Este modelo presta-se ainda a mostrar uma continuidade entre mundo externo e mundo interno.

Vejamos mais um trecho:

“À representação do real chamamos realidade (...) realidade é apenas tudo o que existe para nós, diante de nós. À representação do desejo, já que tem por característica maior sua pretensão a igualar-se a si mesma, a manter-se constante e identificar o sujeito, cabe o nome identidade”¹⁶.

Assim, representação, como entendida, aqui, refere-se a tudo o que somos e a tudo que almejamos, é tudo o que existe, nada há que não sejam representações.

No escudo de Aquiles, ainda, podemos ver que algumas figuras são representadas no centro do escudo, enquanto outras vão se afastando e outras ainda estão inscritas bem nas bordas do escudo. Analogamente, há, na vida psíquica individual, uma periferia representacional. Assim, podemos conceber um EU central, dominante, mas não único. Outros conjuntos representacionais afastam-se do EU central e outros ainda permanecem na periferia da identidade, o que Hermann chama de reino das exceções. Condições propícias podem fazer aparecer a periferia representacional, os conjuntos rejeitados de representações, esses EUS-representação rejeitados. Uma dessas condições propícias seria o processo analítico. Além disso, a própria realidade oferece lugares onde esses EUS podem manifestar-se, como o carnaval ou a guerra, por exemplo.

E a preguiça?

¹⁵ HERRMANN, F. Op. cit. pp. 182-183.

¹⁶ HERRMANN, F. Op. cit., p. 183.

Se nos pusermos de acordo com Herrmann e sua concepção de psique, podemos pensar na preguiça como um estado, uma forma de ser, até mesmo um sentimento daqueles que figuram na periferia da identidade. Poderá vir a deixar esse lugar, ou não. Para que isso aconteça, longo será esse caminho, numa análise individual, mais ainda na cultura.